



## EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO HUMANA E LIBERDADE INTELLECTUAL: DIÁLOGOS SOBRE O PAPEL DA EDUCAÇÃO E DOS EDUCADORES

EDUCATION, HUMAN EDUCATION AND INTELLECTUAL FREEDOM:  
DIALOGUES ABOUT THE ROLE OF EDUCATION AND EDUCATORS

Elenice Alves Dias Borges<sup>1</sup>  
Célio Juvenal Costa<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem por objetivo discorrer sobre a função da educação na formação do indivíduo, abordando como se dá o seu início e como pensadores clássicos e contemporâneos viam sua importância e a maneira de aplicá-la. Para tanto, percorreremos por afirmações e posicionamentos de pensadores clássicos e contemporâneos e faremos um breve comparativo com o mais atual da educação básica brasileira. Desde Aristóteles e Platão se discute a importância de uma forma de ensinar e aprender que leve o indivíduo a uma condição crítica e independente, mas além disso, é preciso que os estímulos corretos se iniciem já na infância e prepare a criança de forma gradual até que ela se torne um adulto pensante e preparado para a vida coletiva. Resta aos responsáveis por esses futuros adultos o encaminhamento dessas crianças para que no futuro possam exercer seu papel de seres intelectualmente libertos, atuantes e modificadores da sociedade.

**Palavras-chave:** Formação humana; Educação; Sociedade.

**ABSTRACT:** This article aims to discuss the function of education in the formation of the individual, addressing how it begins and how classical and contemporary thinkers saw its importance and how to apply it. To this end, we will go through the statements and positions of classical and contemporary thinkers and make a brief comparison with the most current Brazilian basic education. Since Aristotle and Plato, the importance of a way of teaching and learning that leads the individual to a critical and independent condition has been discussed. It is up to those responsible for these future adults to guide these children so that in the future they can exercise their role as intellectually liberated, active, and changing beings in society.

**Keywords:** Human Formation, Education, Society.

### INTRODUÇÃO

Há inúmeras discussões a respeito do impacto da educação formal e informal na vida das pessoas e a diferença que tanto uma quanto a outra faz no crescimento e desenvolvimento de uma criança. Pensadores clássicos como Comenius e Tomás de Aquino tratavam a educação como uma necessidade natural do ser humano, pois, por meio dela, ele se tornaria um ser ativo socialmente.

Ainda hoje discutimos o perfil de ser humano que queremos para a nossa sociedade, um sujeito capaz de realizar seus deveres civis e que seja intelectualmente independente.

<sup>1</sup> Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Maringá, eleniceadborges@gmail.com

<sup>2</sup> Doutorado em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba, celiojuvenalcosta@gmail.com



Para que alcancemos, por meio da educação, um ser humano intelectualmente independente e crítico, deve-se pensar, já no período da infância, os meios necessários para chegar a esse objetivo.

Trataremos neste texto, por meio da discussão de uma gama de autores, a respeito da formação das crianças com vistas a alcançar um patamar intelectual socialmente desejado, por vezes expresso, inclusive, nas próprias legislações referentes à educação. Por meio de leituras de autores clássicos e também de contemporâneos, pretendemos problematizar o andamento da educação básica quanto ao objetivo de formação do cidadão.

## O HOMEM É PARA A SOCIEDADE

Podemos até nos irritar e não querer conviver com outras pessoas, mas é praticamente impossível que alguém que já convive em uma sociedade consiga se isolar e viver só. Entendemos que o homem é, por assim dizer, um ser social.

A necessidade de viver em sociedade é certa para pensadores como Sêneca, que destaca em sua carta à Lucílio, *Sobre a verdadeira e falsa amizade*, a importância da amizade sem interesse prévio. O filósofo escreve ao seu amigo sobre conhecer as pessoas de modo que se possa confiar nelas, demonstrando a importância da relação despreziosa (SÊNECA, 2017). Não é incomum que as pessoas formem amizades, relações que elas mesmas denominam assim, com a intenção de algo em troca, material ou não.

Sêneca se preocupa com sua função para com a sociedade, ao se referir aos seus momentos de reclusão para estudar e, com isso, prestar sua contribuição para com a sociedade por meio do conhecimento. Nesse prisma, o filósofo se recolhe para que possa contribuir mais com a sociedade. Diferente dessa posição, temos aquilo que Epicuro defende, que o afastamento do meio social para que seja conduzido um cuidado com o próprio corpo e mente, dessa forma as razões da felicidade do indivíduo não se colocariam em algo externo a ele, como está escrito na carta a Meneceu, a *Carta Sobre a Felicidade* (EPICURO, 2002).

Devemos, porém, considerar o contexto em que Epicuro se encontrava quando escreveu a carta. Como afirma Zeferino Rocha (2000), na nova configuração da sociedade da época, os gregos haviam perdido sua posição de cidadão da Pólis para se tornarem súditos de um império. Nessa nova configuração de sociedade, Epicuro mantém sua preocupação com a formação do ser e a felicidade proveniente dela.

O que estes filósofos têm em comum é a preocupação com a formação da pessoa, seja para a sociedade, seja para o bem viver consigo. Ambos, Sêneca e Epicuro, destacam aos seus correspondentes a importância da filosofia para a vida, sendo que o segundo destaca que a filosofia gera felicidade e é aberta para todos. Por essa razão, abriu seu *Jardim* (sua escola) para as mulheres, demonstrando que a filosofia é para quem a deseja. Deu então importância à formação humana por meio da filosofia e acreditava que, desse modo, o ser humano se identificaria como indivíduo (ROCHA, 2000).



Sêneca, por sua vez, também enfatiza a importância de compartilhar o conhecimento. Na carta *Sobre Compartilhar Conhecimento*, ele destaca à Lucílio que “Nenhuma coisa boa é agradável de possuir, sem amigos para compartilhá-la” (SÊNECA, 2017). Por meio desse pensamento, podemos entender que, para o pensador romano, a filosofia é para a sociedade e para o convívio nela. Ainda mais, podemos compreender que ambos os filósofos prezam pela formação do homem, seja para sua felicidade, seja para a sua atuação na sociedade.

O problema da formação para a vida em sociedade não nasce com Epicuro ou Sêneca. Anteriormente a esses filósofos, Platão já discorria sobre a vida na pólis em *A República* e Aristóteles escrevia sobre ética no seu *Ética a Nicômano* (PLATÃO, 2011; ARISTÓTELES, 1984). Sendo o ser humano feito para viver em sociedade, necessário é para esse indivíduo social, uma formação direcionada a esse convívio. Pensadores em diferentes e distantes momentos da história humana se debruçaram sobre este tema.

## A CONSTITUIÇÃO DO INTELECTO

Além das discussões sobre a necessidade da vida em sociedade, pensadores também se voltaram a problematizar e compreender as necessidades que os indivíduos teriam para levar a cabo tal convivência. Um fator apontado por alguns autores é a necessidade de formação do intelecto.

A relevância do intelecto para a atuação e vida em sociedade aparece em pensadores como Tomás de Aquino, Agostinho de Hipona e Ambrósio de Milão. Para estes pensadores o ser humano precisaria desenvolver seu intelecto, ou sua potência intelectiva, como denomina Tomás de Aquino, a fim de uma formação plena (AQUINO, 2006).

Tomás de Aquino via a necessidade de um ser humano que tivesse a capacidade de abstração para uma boa prática cristã. Compreendemos que o cristão a quem Tomás de Aquino se refere equivale para nós ao conceito de cidadão, sendo que o cidadão medieval era em suma cristão. Sendo assim, naquele momento, o bom cristão era o bom cidadão.

Na *Suma Teológica*, Tomás de Aquino discute sobre o intelecto, sendo a Questão 79 totalmente dedicada a este tema. O pensador compreende o intelecto como potência da alma, acessível ao homem, e cabe então a ele estimular essa potência, que ao ser trabalhada será aprimorada e o ser humano desfrutará dos benefícios pessoais e sociais. (AQUINO, 2006).

EM SENTIDO CONTRÁRIO, O Filósofo afirma, no livro II da Alma, o intelectivo como potência da alma.

RESPONDO. É necessário afirmar, em vista de tudo o que precedeu, que o intelecto é uma potência da alma, e não sua essência. Com efeito, o único princípio imediato da operação é a essência mesma do que opera, quando a própria operação é seu ser. Pois, assim como a potência está para a operação como para seu ato, assim está a essência para o ser. Ora, somente em Deus conhecer é a mesma coisa que seu ser. Portanto, só em Deus o intelecto é sua essência; nas outras criaturas dotadas de intelecto, ele é uma potência do que conhece (AQUINO, 2006, p. 435-436).



É importante, segundo Tomás de Aquino, que o conhecimento seja passado adiante e que o mestre tenha por sua vontade o interesse em se aprofundar no conhecimento. Sendo assim, o intelecto é uma potência da alma e a sabedoria é uma escolha do indivíduo. Pressupõe-se, então, que é necessário dar ao indivíduo meios de desenvolver sua potência intelectual, que ele já possui por fazer parte da alma (AQUINO, 2006). Podemos compreender tais meios de desenvolvimento como formas de educação.

O pensador também enfatiza que mesmo que a sabedoria seja uma escolha, o mestre deve ser um sábio. Esta condição é alcançada apenas com a junção de sapiência e prudência. Para Tomás de Aquino, é mais fácil possuir sapiência, mas a prudência é fundamental para a condição de sábio, então é substancial que essa escolha seja feita pelo mestre, mesmo que seja parte de seu livre arbítrio (AQUINO, 2006).

Ao ler os escritos de Tomás de Aquino sobre o intelecto, ou os de Agostinho de Hipona sobre a abstração e a interpretação dos signos, assim como outros pensadores clássicos, entendemos que é comum a eles que para ser um cidadão – que para eles seria um bom cristão – é preciso que se tenha plena condição intelectual. A prática cristã na visão de Aquino e Agostinho não é possível sem a capacidade de interpretação. Desse modo, podemos entender esse indivíduo como independente intelectualmente, assim como Epicuro via o indivíduo que praticava a filosofia. Vemos, a partir desses pensadores, um projeto de homem, atuante e com capacidade de fazer escolhas racionais. Tais capacidades, desenvolvidas por meio da educação, são para os autores mencionados imprescindíveis para a vida do ser humano em sociedade.

É possível observar no próprio método de Agostinho escrever um cuidado, em que ele usa uma fórmula de contrapontos para dissertar a respeito de algo. Ao escrever, ele destaca, além de sua visão, as discordâncias que possam surgir a esse posicionamento. É o que vemos em *A Doutrina Cristã* (2002), em que o pensador exprime seus pensamentos a respeito de um conjunto de práticas para uma vida cristã bem praticada. A importância desses escritos se dá por serem uma forma de educar. Mesmo que ele esteja falando de uma vida cristã, precisamos considerar que no período em que Agostinho escreve, o modelo de cidadão era um bom cristão.

Quando Agostinho fala de interpretação e abstração no seu segundo livro de *A Doutrina Cristã*, ele faz um percurso explicativo sobre sinais e a interpretação deles. Percebemos também como Agostinho valoriza o preparo ao registrar a importância do conhecimento das diferentes ciências.

#### Conhecer a natureza das coisas

24. A ignorância da natureza das coisas dificulta a interpretação das expressões figuradas, quando estas se referem aos animais, pedras, plantas ou outros seres citados freqüentemente nas Escrituras e servindo como objeto de comparações (AGOSTINHO, 2002, p. 111).

Vemos neste fragmento de texto que, para Agostinho, para o bom aproveitamento dos escritos cristãos é preciso que se tenha uma boa compreensão de outras ciências, como vemos também em outros pontos de sua tese (AGOSTINHO, 2002). Extrapolando,



podemos afirmar que, para o pensador, a formação de um ser humano completo passa pelo conhecimento das ciências.

## O HOMEM DEVE SER FORMADO

Considerando aquilo que foi acima exposto, podemos compreender, então, que os seres humanos precisam ser formados para viver em sociedade. Precisam ter desenvolvidas as capacidades de se envolver socialmente.

Também na Modernidade alguns pensadores se preocuparam com esse indivíduo atuante na sociedade, apresentando a visão de um ser que convive e deve ser formado para tal desde sua tenra idade. Vemos em *De pueris* de Erasmo de Rotterdam a necessidade de uma formação da criança que crescerá e se tornará um homem.

### 23. Antes suíno que bronco e mau.

Quanto acabrunhamento não iria entristecer um pai no caso em que a esposa gerasse filho retardado ou débil mental. Ficariam com a impressão de ter engendrado não um ente humano e, sim, um monstro. Não fosse o temor ante a lei, dariam fim ao neonato. Acusam, então, a natureza que se furtou a dotar o filho de inteligência humana, todavia, tu mesmo, por tua negligência, cooperas para que o filho fique privado de capacidade mental. Apesar de tudo é ainda preferível ter deficiência psíquica a ser péssimo caráter. Até vale mais ser suíno do que homem bronco e mau (ERASMO DE ROTTERDAM, 1941, p. 14).

O pensador critica o indivíduo “bronco” e enfatiza a importância de se educar a criança independentemente de sua classe social. Isso por que ele destaca o problema de famílias ricas que não investem na educação dos filhos, também destaca que famílias menos abastadas devem educar seus filhos da melhor maneira que for possível.

Pensando na formação da criança, Erasmo considera imprescindível, para as famílias abastadas, um bom preceptor que possa formar a criança e capacitá-la para o futuro.

### 3. Escolher logo um pedagogo competente.

Para tanto deves, desde logo, procurar um homem de bons costumes e de caráter meigo, dotado de conhecimentos invulgares, a cujo regaço possas confiar teu filho como ao nutriz de seu espírito a fim de que, a par do leite, sorva o néctar das letras e, assim divididas, por igual, os cuidados entre as amas e o preceptor de sorte que aquelas lhe fortifiquem o pequeno corpo com o melhor dos sucos enquanto este zela pela mente, subministrando ensinamentos salutares e honestos (ERASMO DE ROTTERDAM, 1941, p. 04).

Erasmo concebe um indivíduo que seja capaz de interagir, para isso, ele deve ser formado desde criança. Da mesma forma, Comenius, em *A Didática Magna*, mostra a importância da formação, quando enfatiza que “É evidente que todo o homem nasce apto para adquirir conhecimento das coisas” (COMENIUS, 1985, 24). Comenius se apoia em



Aristóteles e sua ilustração sobre a alma humana ser como uma “tábua rasa”, porém ele destaca que além da possibilidade de se escrever tudo, é necessário que o escritor tenha ciência e responsabilidade do que escrever, além do mais, a mente se difere de uma tábua rasa por não conter limites.

Aristóteles comparou a alma humana a uma tábua rasa, onde nada está escrito e onde se pode escrever tudo [11]. Portanto, da mesma maneira que, numa tábua, onde não há nada, o escritor pode escrever, e o pintor pintar aquilo que quer, desde que saiba da sua arte, assim também na mente humana, com a mesma facilidade, quem não ignora a arte de ensinar pode gravar a effigie de todas as coisas. E se isto não acontece, com toda a certeza que não é por culpa da tábua (exceto, uma ou outra vez, quando ela é demasiado rugosa), mas por ignorância do escrivão ou do pintor. Há, porém, uma diferença: na tábua, não é possível traçar linhas senão até ao limite em que as margens o permitem, ao passo que, na mente, por mais que se escreva ou esculpa, nunca se encontra um sinal que indique o termo, pois (como atrás se observou), ela não tem termo (COMENIUS, 1985, p. 26).

Se o ser humano deve ser formado desde a tenra idade como afirma Erasmo, e considerando que a mente humana não possui limites como Comenius alerta ao relembrar da ilustração de Aristóteles, logo entende-se, por estes pensadores, que a educação é essencial na formação do indivíduo e na sua convivência em sociedade.

## A CRIANÇA É UM SER HUMANO A DEVIR

“A criança de hoje é o adulto de amanhã”. Apesar de parecer um tanto enfadonha e talvez até romantizada, a frase citada não deixa de ser real e necessária. É verdade que todos sabem que a criança é um futuro adulto, entretanto, como Hannah Arendt (2016) afirma, é preciso considerar que a criança se tornará um adulto no futuro e é preciso ensiná-la a se tornar esse adulto. Tornar-se adulto, nesta perspectiva, significa conviver conscientemente em sociedade, como um cidadão crítico e atuante, fazer parte, efetivamente, da sociedade em que se está inserido.

Os adultos possuem, então, a função de formar essas crianças e prepará-las para se tornarem adultos capazes e atuantes na sociedade. Também é preciso que consideremos que no futuro, essas crianças, ou ser humano a devir, serão responsáveis pela formação de outros seres humanos. Não necessariamente como professores propriamente ditos, mas como qualquer adulto que exerça uma função de autoridade frente à outras crianças.

Arendt (2016) atribui em parte o distanciamento ou exclusão das crianças do mundo dos adultos como motivador para o que denomina crise na educação. Separamos elas do nosso mundo e voltamos os nossos cuidados ao seu bem-estar, como se estivéssemos apenas cuidando para que elas se desenvolvam de forma saudável, sem considerar que irão crescer e serem inseridas na sociedade e na convivência dos adultos.

Para a autora, é preciso formar a criança desde a mais tenra idade para que ela seja inserida em um mundo que será dela. Convivemos com uma realidade em que há vários



fatores prejudicam o crescimento saudável da criança, e sim, a pobreza e a falta de estrutura familiar assim como necessidades educacionais específicas são interventores graves e recorrentes nas vidas das crianças da nossa geração. Entretanto, não são impeditivos ao desenvolvimento.

Esses fatores citados são motivos para que haja uma atenção mais específica na hora de educar. Mas é necessário que se compreenda que a criança, mesmo que necessite de maneiras mais específicas para aprender, é capaz. O professor, os pais, os responsáveis pela educação e formação da criança, precisam ter como certo que ela é dotada de intelecto e que a ela deve se destinar uma formação que a prepare para que seja um ser humano atuante e crítico. Tomás de Aquino (2006) afirma que o ser humano é dotado de intelecto e este deve ser trabalhado para uma formação plena de um cristão. O cristão, a quem Aquino se refere, tem condições de abstrair e compreender a sua fé. Sua fé é racional e madura. Gostaríamos de ressaltar que o que Tomás de Aquino considera um bom cristão se equivale ao cidadão daquele período, então, quando falamos do cristão de Aquino falamos do modelo de cidadão.

A maturidade é de suma importância na vida adulta, o cristão maduro tem condições de praticar a sua fé, o ser humano adulto possui condições de entender contextos e tomar decisões. É necessário então que essa maturidade seja adquirida com o tempo, por meio da formação intelectual. Também é preciso compreender que essa maturidade se forma desde a infância, a cada aprendizado. Por essa razão, a criança não pode ser excluída do mundo dos adultos, o mundo do qual ela fará parte um dia.

Libâneo, em um texto denominado *O dualismo perverso da escola pública brasileira* (2012), chama atenção para a diferença que se faz já na escola para os ricos e os pobres. Ao se preocupar com as condições ruins de vida das crianças mais pobres, se deixa de lado a capacidade delas e a escola passa a ser um lugar de acolhimento e não de formação. Dessa forma, a diferença social apenas se atenua ao invés de diminuir.

Libâneo (2012) reforça que ao investir em uma escola mais inclusiva, o sentido de socialização que a mesma oferece foi distorcido e remanejado para a pura convivência.

[...] formulou-se uma escola de respeito às diferenças sociais e culturais, às diferenças psicológicas de ritmo de aprendizagem, de flexibilização das práticas de avaliação escolar – tudo em nome da educação inclusiva. Não é que tais aspectos não devessem ser considerados; o problema está na distorção dos objetivos da escola, ou seja, a função de socialização passa a ter apenas o sentido de convivência, de compartilhamento cultural, de práticas de valores sociais, em detrimento do acesso à cultura e à ciência acumuladas pela humanidade (LIBÂNEO, 2012, p. 23).

As instituições de ensino, quando se apoiam no modelo a que Libâneo se refere, deixam de formar o cidadão crítico e excluem ainda mais as crianças que já nascem em condições de desigualdade, pois, no fundo, abrem mão, em nome de uma suposta inclusão, do cuidado com a formação intelectual dos seus educandos.



Como o próprio Libâneo menciona, é importante que a escola considere as condições dos alunos e trabalhe com uma educação inclusiva, mas não se deve esquecer de realmente formar seres humanos críticos e intelectualmente independentes.

## A IMPORTÂNCIA DE UM PROFESSOR CAPACITADO E CONCEITUADO

Quem se responsabilizar pela educação de outrem, deve o fazer com plena competência. Quando Erasmo de Rotterdam escreveu *De Pueris* (1941), ele enfatizou a importância de um preceptor competente. Não se deve deixar o filho, segundo ele, aos cuidados de um pedagogo que não exerça sua função de forma exemplar. Afinal, a formação de um ser humano é de grande importância e não pode ser feita de qualquer maneira, sem responsabilidade.

Em seu livro, Erasmo (1941) cita exemplos de preceptores que além de não ensinar os educandos com competência, agiam de forma truculenta e insensível para com eles. Evidentemente, ele cita exemplos extremos de maus tratos para enfatizar o assunto, porém, mesmo que não haja violência extrema, o simples fato de um professor, ou pedagogo como Erasmo se refere, não cumprir seu papel com responsabilidade já é muito prejudicial ao aluno.

O alinhamento do professor com as necessidades educacionais do seu aluno é de suma importância para a sua formação. Por esse motivo, deve-se ter como primordial o preparo de um profissional que vise a formação do aluno. Este professor deve estar plenamente habilitado para a função que irá exercer.

Como apontado no início deste artigo, em *De Magistro* (2000), Tomás de Aquino, no contexto em que escreve, atribui o ato de ensinar a uma função providenciada de Deus. Para o pensador, o próprio Deus é quem realmente ensina. Isso se dá pelo fato de o intelecto ser natural ao homem por providência divina. O mestre então é responsável pela dinâmica que aprimorará o intelecto do ser.

Com efeito, o professor, ou mestre como Aquino denomina, possui a missão de formar aquele ser humano e potencializar seu intelecto. Ao escrever a *Suma Teológica* (2006), a já citada tese 79 do documento é dedicada à composição do intelecto. Tomás de Aquino, então, atribui a todo ser humano o intelecto como potência da alma, ou seja, todo homem é dotado de intelecto e capaz de aprimorá-lo, entretanto aprimorá-lo é uma escolha. Sendo assim, aprimorar os conhecimentos não é natural ao homem e sim uma escolha, porém, aquele que ocupa a posição de Mestre precisa fazê-lo.

Podemos entender, então, que o mestre deve se aprimorar para exercer sua tarefa de formador, mas além de aprimorar os conhecimentos, o professor deve ser dotado de sabedoria e, sendo a sabedoria a junção de sapiência e prudência, entende-se que também existe a possibilidade de se aprimorar intelectualmente e obter “sapiência” sem prudência, e, dessa forma, não há sabedoria (TOMÁS DE AQUINO, 2006).

Quando Hannah Arendt (2016) se volta para o papel do professor, ela se refere à competência e a autoridade dele. A autora atribui esses fatores importantes na dinâmica educacional. O professor deve ser competente dentro da sua área de atuação, também é importante que ele seja munido de autoridade. Essa figura de autoridade que o professor



deve assumir válida o conhecimento que ele quer produzir em seu aluno. Já essa autoridade não pode vir de um profissional despreparado.

Tomás de Aquino (2000), por sua vez, atribui como missão do educador ensinar com base na verdade. Se a verdade faz parte do educador, sua autoridade perante outrem é corroborada. O educador deve então ter uma postura de compromisso com a verdade e com a formação de seu educando. Esse profissional comprometido com a verdade e com a formação humana é verdadeiramente um sábio, pois ele possui sapiência e prudência.

Verdadeiramente pode-se dizer que o homem é verdadeiro mestre, e ensinando a verdade e iluminando a mente, não infundindo a luz à razão, mas ajudando a luz da razão para a perfeição da ciência, através daquelas coisas que propõe exteriormente. De acordo com isso, se diz em Efésios III, 8-9: "A mim, o mínimo entre todos os santos, foi dada esta graça... iluminar a todos sobre a dispensação do sacramento oculto pelos séculos em Deus" (TOMÁS DE AQUINO, 2000, p. 60).

Podemos compreender que o professor deve então ser capacitado além dos conhecimentos da sua área específica. Não basta que esse profissional, sendo, por exemplo, um matemático, saiba apenas procedimentos matemáticos e não saiba ensiná-los ao seu aluno ou não saiba compreender suas necessidades educacionais. Também é missão desse educador comprometer-se com a verdade e permear seu trabalho por ela. Ensinar não é apenas uma transferência de informações sobrepostas, mas formar outro ser humano que será inserido na vida social e se desenvolverá como participante de tal configuração social.

Não estamos afirmando que o professor é responsável por incutir “verdades” na mente dos educandos, tampouco Tomás de Aquino afirma isso, afinal, isso não é educar, é doutrinar, mas segundo o pensador, o objetivo é ensinar com base na verdade. A função do educador é, por meio de um ensinamento comprometido com a verdade, capacitá-lo para que ele seja intelectualmente ativo e independente.

Já para Comenius (2001) o ser humano deve ser formado para que se torne ser humano. Sendo assim, ele só mostrará o que veio a ser após uma formação. Dessa maneira, o papel do professor formador é muito importante nesse processo de vir a ser. Comenius usa como subtítulo do seu capítulo VI a frase “As sementes não são ainda frutos” (COMENIUS, 2001, p. 30), dando a entender que a semente, embora tenha toda a potencialidade para se tornar fruto, ainda não o é. Podemos entender a partir dessa afirmação e analisando a própria semente da analogia que, para que esta se torne um fruto no futuro, é preciso um processo que envolve sua penetração na terra e a periodicidade de cuidado ao regar e podar a planta que sairá dali. Ao final desse processo, virá o fruto. Esse processo intermediário vem por meio de uma ação externa, ou seja, mesmo que haja um potencial por parte da semente, é preciso uma ação externa que a conduza ao ato de ser fruto.

A analogia de Comenius é muito pertinente e se encaixa no processo de aprendizagem. Voltando à Hannah Arendt (2016), a criança é um ser humano a devir, então ela deve ser formada para a vida adulta e quem for responsável pela sua educação deve ter este fim como escopo.



Se a criança possui naturalmente o potencial dentro de si e esse potencial deve ser estimulado externamente, a função do educador é muito importante nesse processo e deve ser feita com a devida seriedade.

A seriedade em questão a que nos referimos é a de educar a criança tendo em vista o adulto que ela se tornará e a sociedade à qual ela se destina. Rousseau (1992) escreve sobre a forma com que se deve educar Emílio. Em sua obra, de mesmo título, o pensador tem bem definido o cidadão que Emílio deverá se tornar: um cidadão solidário e cooperativo, pronto para o convívio na sociedade. Não importa o caminho que ele trilhará nem o que vai deixar de trilhar, desde que, por meio da educação, ele tenha se tornado um homem, “ele sempre estará em seu lugar” (ROUSSEAU, 1992, p. 15).

Mas o próprio Rousseau (1992, p?) faz a pergunta cabal: “Como pode ocorrer que uma criança seja bem educada por quem não foi ele próprio?”. Embora seja muito incisiva a pergunta, é também importante para pensarmos em quem educa nossas crianças. A formação do educador é muito importante para que a formação da criança seja eficiente.

Que profissionais serão responsáveis pela educação dos seres humanos a devir? O professor deve ter plena convicção de seu papel de formador, deve também ter bem claro que aquela criança que estará sob sua responsabilidade é dotada de intelecto e tem potencial para se tornar o ápice de si mesmo.

Retomando um pouco dos autores clássicos, Aristóteles afirma em seu texto *Política* (2011) que o que define enfim a natureza do ser é o seu estágio final, como por exemplo um cavalo já adulto, uma flor com pétalas abertas, etc. Por esse prisma, podemos compreender que o ser humano apenas terá sua natureza definida após passar pelo processo de formação que o prepara para realizar sua natureza. Esse período de preparo do ser humano o define, segundo Aristóteles (2001) um animal social e o convívio político, como demais seres humanos o conduzirá para a atualização de sua natureza humana. Sem esse processo, ele não pode se tornar esse ser social que é a sua natureza em si.

Sendo assim, podemos compreender que a fase a que Aristóteles se refere é de suma importância e de grande sensibilidade, não podendo permitir que esse estágio de aprendizado seja conduzido de qualquer maneira. Eis o motivo de preocupação com o educador (ARISTÓTELES, 2001).

## OS ESCRITORES CLÁSSICOS DA EDUCAÇÃO E OS EDUCADORES CONTEMPORÂNEOS

Podemos até considerar a leitura dos clássicos apenas como dados históricos que não refletem mais a realidade da educação atual por estarmos em uma nova realidade (mais moderna, talvez!).

Mas, talvez ainda, uma das fragilidades na formação dos professores esteja no progressivo abandono das leituras clássicas, ou na simples leitura sem relação com a realidade. Os pensadores clássicos citados aqui possuem em comum o objeto da formação do ser humano social. Hoje, nos preocupamos bastante com um ser humano sociável. Isso faz, por vezes, com que nos preocupemos com a função de socialização que a escola deve



ofertar aos seus alunos, deixando em segundo plano o projeto de cidadão que se pretende atingir (LIBÂNEO, 2012).

A escola possui também a função de socializar o aluno, dar assistência e amparo. Nossa atual situação social exige isso, especialmente com alunos de estratos sociais mais desassistidos. Entretanto, não se pode deixar de lado a principal função que é a da formação humana integral.

Hannah Arendt (2016) problematiza o fato de a educação das crianças não visar uma real formação para a fase adulta, pois, quando se exclui totalmente as crianças do mundo dos adultos, não as permitimos que se preparem para ele.

Com o tempo, os profissionais da educação se aprimoraram nos métodos de ensinar voltando-se para a idade das crianças, e isso foi muito importante para entender a melhor forma de educá-las. É importante que se considere o tempo certo de ensinar cada coisa. O que Hannah Arendt combate é a educação da criança sem o ensino, que a autora considera fundamental.

Não é possível educar sem ao mesmo tempo ensinar: uma educação sem ensino é vazia e degenera com grande facilidade numa retórica emocional e moral. Mas podemos facilmente ensinar sem educar e podemos continuar a aprender até ao fim dos nossos dias sem que, por essa razão, nos tomemos mais educados (ARENDR, 2016, p. 202).

Nos perdemos em métodos bons e ruins, eficientes e não eficientes, mas não nos atentamos aos fundamentos essenciais na educação da criança que a levarão a um trajeto educacional que será imprescindível para uma formação completa.

É importante, na educação da criança, que ela obtenha a capacidade de abstrair informações. O ser humano que tem a capacidade de abstração possui a partir dela uma independência intelectual. A importância da abstração se mostra na vida adulta como um diferencial, pois o ser humano capaz de abstrair não é enganado com facilidade por informações de origens duvidosas. Entretanto, a educação destinada a muitas das nossas crianças (da escola pública, principalmente) é uma educação voltada ao acolhimento, sem priorizar a capacidade e o potencial intelectual delas. Como Libâneo (2012) enfatiza em seu texto, essa política de acolhimento das escolas sem a preocupação da formação integral da criança as mantém alienadas da realidade que enfrentarão.

A escola não deve ser como um local apenas para guardar crianças durante a jornada de trabalho dos pais e nem mesmo para uma educação simplória de bons modos e leitura adequada. Embora isso seja importante e esteja entre as funções da escola, sua principal missão é a formação de um ser humano completo, atuante e social.

Comenius (2001) considera o ser humano como uma criação quase sublime, uma maravilha feita por Deus. Sendo ele imagem e semelhança de Deus, Comenius considera a educação um meio de aprimorar o homem que foi criado para grandes feitos. O pensador também considera a infância um período fundamental para a formação do indivíduo.

4. É uma propriedade de todas as coisas que nascem o fato de, enquanto são tenras, se poderem facilmente dobrar e formar, mas, uma vez endurecidas, já



não obedecem. A cera mole deixa-se amassar e modelar, mas, endurecida, quebra mais facilmente. Uma arvorezinha deixa-se plantar, transplantar, podar, dobrar para aqui ou para ali, mas uma árvore já crescida de modo algum. Assim, quem quer fazer um vancelho, deve tomar um ramo verde e novo, pois não pode ser torcido um que seja velho, seco e nodoso (COMENIUS, 2001, p. 34).

Além de Comenius, outros autores, como Rousseau, consideram importante a formação da criança desde muito cedo. Michel de Montaigne (2000) ao escrever para a Condessa de Gurson, se refere também à importância da educação das crianças a partir de critérios que a formarão para o futuro.

Immanuel Kant em *Sobre a Pedagogia* (1999) entende a educação como primordial na formação humana, sendo assim o único caminho para que o ser humano venha realmente se tornar um ser humano. Para tanto, esse processo educativo, embora não necessariamente seja em um instituto de educação específico, necessita ser sistemático.

Por essa razão o autor chama a atenção para a importância da disciplina na formação. Segundo Kant, a falta da disciplina prejudica o processo educativo, assim, mesmo quando a educação não é formal, ainda assim deve ser disciplinada e progressiva.

Tal como Kant, o sociólogo Norbert Elias (2009) enxerga a educação como o mecanismo para formação e identificação do ser humano como tal. Segundo Elias, o ser humano possui a capacidade inata de aprender, isso nos diferencia das demais espécies. Apesar de os objetos do aprendizado não serem inatos, a capacidade em si o é.

Encontramos, em ambos os autores, a ideia de que as características humanas apenas são adquiridas por meio da educação e do aprendizado. Este processo não é natural, mas sim elaborado e organizado pelos seres humanos, não obstante considerarem que a capacidade de aprender é inata.

Os pensadores clássicos destacam a importância da criação da criança de forma sistemática, gradual e progressiva. Destacam a relevância de bem formá-la e, assim, torná-la um ser humano integral, como Comenius (2001) mesmo define.

Kant (1999) faz questão de enfatizar a necessidade de um processo educativo iniciando na mais tenra idade e de uma forma organizada e sistêmica. Segundo ele, um grande erro na educação das crianças é a formação pensada a fim de prepará-la para integrar a sociedade e o ambiente em que ela será inserida, mas sem a prepará-la para um futuro melhor. Nesse modo a que Kant se refere, o indivíduo é preparado apenas para compor um cenário pré-existente e ser levado pela sua dinâmica, ao invés de transformá-lo.

A partir da leitura de clássicos como Comenius, Rousseau, Tomás de Aquino, Montaigne e Agostinho de Hipona, por exemplo, podemos entender que eles visam em seus escritos a formação do cidadão, cada qual voltado, evidentemente, às questões de suas épocas. Podemos perceber que há uma intencionalidade a longo prazo para esses pensadores, com o intuito de um homem social. Não basta ler os escritos clássicos apenas como uma leitura a mais na grade curricular dos cursos de licenciatura, mas devemos lê-los, compreender seus anseios de indivíduo ideal e os projetos para construí-los e, então,



nos perguntar que modelo de ser humano nós desejamos formar para a nossa sociedade bem como qual o projeto necessário para que o alcancemos.

## COMO SEGUIMOS

Se sabemos, por meio dos clássicos e outras leituras que a criança deve ser formada desde a tenra idade para ser um adulto social, responsável e intelectualmente livre, por que a educação ainda não caminha em direção ao desejado?

Grande parte dos Projetos Político Pedagógicos (PPP) das instituições de ensino brasileiras possuem menções a um cidadão crítico e atuante na sociedade. A LDB na sua versão mais atualizada se refere à educação de forma que seja por meio dela que o ser humano se torne preparado para a vida civil.

### TÍTULO II – Dos Princípios e Fins da Educação Nacional

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996)

Se existem literaturas legais que garantem uma educação adequada e gratuita, se existem as referências das literaturas clássicas, se existem ainda a metodologias direcionadas ao melhor processo de ensinar que se encaixe com a idade e contexto social do educando, por que ainda temos no quadro educacional brasileiro esse dualismo que Libâneo (2012) discute?

Como citamos já nos tópicos anteriores, a criança possui intrinsecamente o potencial para aprender, como vimos em Comenius (2001), em Tomás de Aquino (2000) e corroboramos com o texto de Hannah Arendt (2016) quando lemos que as crianças são podadas e excluídas do mundo dos adultos. O que compreendemos a partir desses escritos é que não é possível formar um ser humano desconsiderando seu potencial de aprendizagem, mesmo que o aluno apresente alguma necessidade específica, o foco do formador deve ser o que ele pode aprender e de que maneira, não o contrário. É nesse sentido que Arendt (2016) ressalta a importância de educar com o foco no ensino e Libâneo (2012) destaca que a escola deve se comprometer com uma formação integral e não somente focar no assistencialismo.

Quando decidimos de pronto que uma criança não aprende ou não vai aprender, seja qual conteúdo for, estamos limitando seu potencial e interferindo no seu direito garantido por lei a uma educação de qualidade. Sabemos que não podemos simplesmente responsabilizar alguém pelos percalços e problemas educacionais do Brasil. Anísio Teixeira, que foi um importante teórico do quadro de pensadores da educação brasileira, defendia uma educação para todos e de qualidade. Segundo ele a educação deveria ser a ferramenta de equidade entre as classes, diminuindo as diferenças sociais (MARÇAL e ZUCCHETTI, 2015).



Conquistamos uma escola pública para todos no Brasil e o direito de estar na escola é garantido legalmente. Entretanto, o simples fato de ser garantido o acesso a instituições de ensino não garante a formação integral da criança. Quando Anísio Teixeira fala em escola para todos, a ideia é uma escola que tenha como objetivo uma formação integral, tanto que a Escola Parque que foi criada na Bahia possuía o princípio de ensino em tempo integral (MARÇAL e ZUCCHETTI, 2015).

Entretanto, dados estatísticos mostram que a educação não está tão bem como o desejado. Segundo o INAF - Índice Nacional de Analfabetismo Funcional (2018), 29% dos brasileiros se enquadram na categoria de analfabetos funcionais. Uma pessoa que seja analfabeta funcional decodifica os símbolos (as letras) mas não faz a interpretação de texto. Se não há uma interpretação de texto, isso significa que a pessoa possui problemas em abstrair informações, eis então um ser humano que não possui liberdade intelectual.

Desde que a educação jesuítica foi substituída por modelos de educação seculares e depois das legislações que garantiam acesso à educação gratuita, continuamos enfrentando problemas com pessoas que estão passando pela escola e saindo dela sem serem libertos intelectualmente. Muitas vezes não terminam o ciclo escolar e partem para o mundo do trabalho sem estarem com sua formação completa. Em 2019, a porcentagem de pessoas com 25 anos ou mais que possuíam o ensino médio completo era de 27,4% sendo que sem instrução era de 6,4% (FAJARDO e OLIVEIRA, 2017). Como vamos falar em educação integral e desenvolvimento do intelecto se ainda não resolvemos os problemas mais básicos da educação dos brasileiros?

Segundo a ANA – Avaliação Nacional de Alfabetização, de 2016, 55% das crianças de 8 anos que estavam no 3º ano do ensino fundamental não tinham domínio suficiente sobre matemática, e com relação à leitura, apenas 45% dos estudantes possuem leitura adequada para a idade. Se o ideal é que a criança aprenda a abstrair e possa se tornar um adulto intelectualmente livre e ativo, isso não é possível se nem ao menos ela faz uma leitura satisfatória para a sua própria idade (FAJARDO e OLIVEIRA, 2017).

Estas pesquisas são feitas no âmbito escolar, são crianças que frequentam a escola. Mas estão longe da formação idealizada pelos escritores clássicos que citamos neste texto. Os pais dessas crianças saíram da escola, mas com uma formação também deficitária, como os dados citados anteriormente mostram. Vão para a vida civil sem obter sua liberdade intelectual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos caminhando para atingir a metade da terceira década do século XXI e, além dos problemas educacionais apontados pelas pesquisas mais recentes citadas aqui, o Brasil e o mundo enfrentam um contexto de pós-pandemia da doença Covid-19. Os efeitos da pandemia forçaram a maioria das instituições escolares a recorrer ao ensino remoto em regime emergencial, mas, como é possível verificar, a educação no Brasil já enfrentava seus problemas em 2016 (e mesmo antes) e dificilmente vai melhorar até o fim desse período atípico. Cabe destacar que os números aqui apresentados são os mais



recentes, pois não houve ainda uma nova pesquisa, após as mencionadas, para verificação na alteração desses dados.

Quando fazemos a leitura dos pensadores da educação e dos educadores que iniciaram movimentos pelo aprimoramento e democratização do ensino no Brasil, podemos perceber que o ideal de formação para eles era a formação de um ser humano atuante, social e livre intelectualmente. Existia então um modelo de ser humano desejável para a sociedade. Tal modelo ainda existe nas literaturas sobre a educação e nas suas legislações correspondentes, como podemos perceber no artigo 2º da LDB. Mas, ao conferir os dados sobre o andamento da educação no Brasil, percebemos que até mesmo o básico do ensino não se mostra presente nas avaliações dos alunos. Comenius (2001) enfatiza que a idade ideal para aprender determinadas coisas é na infância e que quanto antes melhor, pois assim como a planta, a criança está mais maleável para receber o conhecimento. Hannah Arendt (2016) afirma que excluir as crianças do mundo dos adultos é prejudicial para a sua educação e Libâneo (2012) reforça em seu texto que as escolas públicas voltadas para um assistencialismo sem a ênfase no ensino não oferecem uma educação integral aos educandos.

Os autores clássicos citados neste texto tratam a educação como algo sublime, fundamental para que o ser humano social seja formado. Comenius (2001) se refere ao homem como a mais perfeita criação, e defende que a ele se deveria dedicar a melhor formação, para que desfrute do seu potencial. Hannah Arendt (2016) se refere à educação como um ato de amor para com o aluno.

Percebemos toda a seriedade com que os autores tratam a educação, e podemos perceber a seriedade da falta de uma formação adequada na vida das pessoas. Com tantos problemas ainda vigentes na educação brasileira, resta aos professores não desistir e seguir com a melhor dedicação possível para com a educação de seus alunos.

Uma sociedade de cidadãos independentes intelectualmente e atuantes somente poderá existir com uma plena educação, de qualidade, acessível a todos: “A educação é assim o ponto em que se decide se se ama suficientemente o mundo para assumir responsabilidade por ele e, mais ainda, para o salvar da ruína que seria inevitável sem a renovação, sem a chegada dos novos e dos jovens (ARENDRT, 2016, p. 202)”.

Hannah Arendt afirma que o mundo exige a renovação que virá com os jovens e que estes poderão fazer essa renovação por meio da educação que lhes for aplicada. Cabe aos antigos, então, se responsabilizar pela preparação destes jovens para que sejam responsáveis pela renovação que o mundo necessita.

Caberia então a cada um assumir sua responsabilidade com relação à educação: pais, professores, Estado. O problema está quando, em detrimento a uma parte que não assume sua responsabilidade, a outra parte decide também não assumir a sua. Existem crianças a serem formadas cidadãs e não se pode deixá-las à mercê de sua própria sorte. Como Hannah Arendt afirma, nós que viemos antes temos por missão guiá-las para um estado de autonomia intelectual.

**REFERÊNCIAS**

- AQUINO, Tomas de. **De Magistro: Sobre o Mestre**. São Paulo: UNISAL, 2000.
- AQUINO, Tomas de. **Suma Teológica**. São Paulo: Loyola, 2001-2006.
- ARENDT Hannah. **Entre o passado e o Futuro**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2016.
- ARISTOTELES. **A Política**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.
- ARISTOTELES. **Ética a Nicômano**. São Paulo: Editora Abril, 1984.
- ELIAS, Norbert. Sobre os Seres Humanos e Suas Emoções: Um Ensaio Sob a Perspectiva da Sociologia dos Processos. In: **O Controle das Emoções**. Editora Universitária da UFPB. João Pessoa. 2009.
- EPICURO. **Carta Sobre a Felicidade: (à Meneceu)**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- FAJARDO, Vanessa; OLIVEIRA, Marina. **55% dos alunos de 8 anos da rede pública têm conhecimento insuficiente em matemática e leitura, diz MEC**. Brasília.: G1, 25 de outubro de 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/mais-da-metade-dos-alunos-de-8-anos-da-rede-publica-tem-conhecimento-insuficiente-em-matematica-e-leitura-diz-mec.ghtml>>. Acesso em: 26 ago. 2021.
- INAF – Indicador de Alfabetismo Funcional. **INAF Brasil 2018: resultados preliminares**. Instituto Paulo Montenegro: Ação Educativa, 2018.
- KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.
- LIBÂNEO, José Carlos. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 1, 2012.
- MARÇAL, Patrícia Fontes; ZUCCHETTI, Dinora Tereza. TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é privilégio**. 7 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.
- MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paul: Editora Nova Cultural Ltda., 2000.
- PLATÃO. **A República**. Editora: Nova Fronteira. São Paulo, 2011.
- ROCHA, Zeferino. O desejo na Grécia Helenística. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. III, n. 2, 2000.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. São Paulo: Edipro, 2017.
- SÊNECA. III. **Sobre a verdadeira e falsa amizade**. São Paulo: Edit. Montecristo, 2017.